



VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

OS PÁRIAS DO MUNDO URBANO: A MODERNIDADE COMO TRANSFORMAÇÃO/EXCLUSÃO EM CARUARU DE 1957

Gustavo Henrique Silva*

1

Profilaxia é um jargão médico que significa um conjunto de medidas preventivas a fim de evitar que doenças se espalhem. No dia 7 de abril de 1957 este termo foi utilizado numa reportagem de capa do Jornal Vanguarda, periódico de maior alcance editorial de Caruaru, e que tinha como dono Sizenando Guilherme, o prefeito da cidade¹. O texto não aborda questões relativas à saúde ou a qualquer tipo de epidemia que estava assolando o município; o cronista (que não assina o texto) pede encarecidamente que uma das mais populares instituições filantrópicas da época, a Casa dos Pobres São Francisco de Assis, faça a profilaxia das ruas e recolha os mendigos, velhos, cegos e aleijados. Indivíduos que se tornaram párias da sociedade e que, nas palavras do jornalista, acabavam “afeando” as vias da cidade². O objetivo do meu

* Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande, especialista em História do Brasil pela FAFICA e Mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande na área de Cultura e Cidades. Tem experiência na área de História, com ênfase em História e Cinema, e História e Cidades.

¹ Periódico fundado em 1932 por José Carlos Florêncio e que teve seu primeiro número distribuído no dia 1º de maio deste mesmo ano. Em 1952, foi arrendado à firma Pontes & Oliveira passando a ser um forte meio de divulgação das administrações do município. Em 1964, o jornal foi comprado por Gilvan Silva que o vendeu, em 1986, ao empresário João Lira Neto que o controla até os dias atuais.

² Jornal Vanguarda, Caruaru 07/04/1957 Capa.

trabalho é perceber através destas fontes jornalísticas, os desejos de uma parte da elite caruaruense em modificar a paisagem urbana, não apenas no que tange aos espaços físicos e arquitetônicos, mas também no que diz respeito aos tipos de pessoas, e as práticas consideradas negativas para a fisionomia urbanística. Em nome do progresso e da modernidade, (que naquela época se materializava na construção de novos bairros, rompimento com práticas rurais, entre outras facetas) estes personagens deveriam ser de alguma forma, domados e afastados do espaço público.

O ano de publicação deste apelo significa um momento chave nos discursos de modernidade da cidade; Caruaru estava prestes a completar cem anos de emancipação política e esta data acabou se tornando um importante elemento na produção do moderno. Uma cidade centenária não poderia ainda estar associada às práticas consideradas atrasadas. Os signos do rural, da sujeira, da pobreza deveriam sair de cena e dar lugar a novos atores como as obras de concreto armado, a organização das vias e de seus transeuntes, além da preocupação em manter um elevado nível de produção cultural. Com estas medidas aliadas ao tempo de existência de cidade, acreditava-se que finalmente Caruaru estaria no rol das grandes cidades do nordeste.

Esta tentativa de romper com o que era considerado antigo e abraçar com todas as forças o que se dizia novo ou moderno acaba deixando a falsa impressão de que Antigo e Moderno são categorias antagônicas em extrema oposição; uma dicotomia onde o feio e o belo, o certo e o errado, o rural e o urbano estão numa eterna batalha visando o maior afastamento possível entre um e outro. Entretanto, Antigo e Moderno constituem um par indissociável, ou seja, não é possível estabelecer de maneira exata atitudes ou arranjos influenciados apenas pela modernidade ou pela tradição. Assim como o Historiador francês Jacques Le Goff, considero que Antigo/Moderno são categorias em constante simbiose³. Desta forma, atitudes tomadas em nome do progresso chegam a possuir uma essência reacionária, e aqueles que se dizem defensores da tradição muitas vezes acabam servindo aos ideais da modernidade. Podemos ilustrar essa afirmativa citando a prática “moderna” de conservação de prédios antigos/tradicionais nas grandes cidades; ou até mesmo a tentativa de limitar o trânsito

³ LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno, In: **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

ou a visibilidade de seres indesejados, como mendigos e prostitutas, por parte de uma parcela da população que se considera estabelecida. Este ato segregador ligado intimamente à defesa de uma moral e de bons costumes encontrou em Caruaru da década de 1950, uma justificativa no discurso de modernidade: uma cidade moderna não poderia ter suas praças e principais artérias ocupadas por seres que representavam um antagonismo às noções de limpeza e organização.

Michel de Certeau nos fala que “os jogos dos passos moldam os espaços”. Estas caminhadas acabam produzindo os lugares, dando aos pedestres o poder de compor efetivamente a cidade. Ele ainda elabora uma metáfora entre o caminhar e o falar: o pedestre ao circular pelas ruas está desenvolvendo um espaço de enunciação⁴. Seguindo a lógica certeuniana de que os transeuntes formam sistemas que fazem efetivamente a cidade, quais destes sujeitos deveriam moldar a cidade de Caruaru? Obviamente, mendigos, prostitutas, pobres e outros não-estabelecidos, deveriam ter a sua enunciação calada ou camuflada, excluída do centro e das principais ruas, pelo fato destas representarem a principal caixa ressoante dessas caminhadas/falas. O texto do *Jornal Vanguarda* é bastante claro ao definir qual seria a principal função da Casa dos Pobres:

Ela tem duas finalidades: a de amparar mais de cem mendigos, velhos, cegos e aleijados que se tornaram infelizes párias da vida, e a de fazer a profilaxia das ruas, evitando afear, assim, a fisionomia urbanística da cidade. Graças a essa boa gente, ajudada tenazmente pelo povo generoso de Caruaru, não se vê mais o quadro triste e desolador de centenas de mendigos a implorarem a caridade pública⁵

Segundo o cronista, a instituição teria a função de livrar as ruas destes seres que batiam de frente com o que Caruaru desejava desde o início da década de cinquenta: uma aparência moderna. Naquele momento, vários aspectos da modernidade eram materializados nas ruas através das praças, pontes, ruas limpas e calçadas entre outros fatores que, segundo o jornal da época, eram ameaçados por estes transeuntes. Não adiantava apenas exigir implementos materiais para o desenvolvimento da cidade sem que a população indesejada tivesse o acesso (de)limitado, e muitas vezes censurado a estes signos. Um exemplo claro desta intenção se encontra aqui:

⁴ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁵ *Jornal Vanguarda*, Caruaru 07/04/1957 Capa.

Muita coisa tem que se ver em Caruaru nas comemorações do seu centenário. O desenvolvimento do seu parque industrial, a sua cultura política, o seu grau de instrução secundária e científica [...] Mas como poderemos impedir que os nossos visitantes, perlustrando nossa cidade, não tenham para os nossos jardins pontes e calçadas um gesto de surpresa (sic) dolorosa? Porque as nossas calçadas são uma tristeza, os nossos jardins uma estupidez, as nossas pontes um escarneo (sic)⁶.

Até aqui o jornalista, após uma breve exaltação do progresso caruaruense, faz um apelo às autoridades pelo zelo de determinadas obras e vias de circulação que estariam em situação de abandono. Logo em seguida, ao fim do mesmo texto, ele direciona o foco dos seus reclames para alguns dos possíveis agentes causadores desta degradação:

A Praça Cel. Porto tão bem tratada pela administração de Abel Menezes está hoje abandonada inteiramente. Os moleques de gravata, os filhos famílias peraltas daquela praça quebraram propositalmente os seus jarrões e estragaram a pintura das colunas dos seus postes.⁷

4

O termo “moleques de gravata” possui um sentido peculiar. Ele se refere a crianças que não eram de rua, mas agiam como tal. Meninos que possuíam casa e família, mas que na rua se comportavam da mesma forma dos chamados “pivetes”: com vandalismo e peraltices. Nota-se que o comportamento das crianças de rua era algo pré concebido, ou seja, havia uma generalização em relação aos “moleques” que determinava que o seu comportamento era em essência negativo, servindo como referência e adjetivo para aqueles que cometiam traquinagens. Fica subentendido nas palavras do cronista que os culpados pela degradação desta praça são pessoas que possuem um proceder que necessita de domesticação e vigilância.

Esta tentativa de “limpar” as ruas de mendigos e seres indesejados em nome da modernidade foi um movimento bastante comum em outras cidades brasileiras⁸. Pelo

⁶ Jornal Vanguarda, Caruaru 17/03/1957 p5.

⁷ Jornal Vanguarda, Caruaru 17/03/1957 p5.

⁸ Sobre a modernidade como agente de exclusão, é interessante observar os seguintes trabalhos: SOUSA, Fábio G. R. B. de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFPG, 2006. Sobre este tipo de experiência em Belo Jardim - PE: FILHO, José Adilson. **A Cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belojoardinese**. Recife:

espaço reduzido deste trabalho, cito, a título de comparação, Antonio Clarindo de Souza e o seu estudo sobre a cidade de Campina Grande. Souza percebeu em sua pesquisa que os discursos dos letrados tentavam mostrar que uma cidade moderna não poderia mais conviver com falta de higiene, barulho em excesso falta de segurança pública e, principalmente com o crescimento da mendicância que se espalhava vertiginosamente⁹. Assim como ocorreu em Caruaru, os jornais campinenses exerceram a função de apelar para que, de alguma forma, alguma medida fosse tomada em relação aos pedintes. No caso caruaruense o pedido foi voltado para uma instituição filantrópica, já na cidade paraibana, os reclames eram principalmente voltados ao poder público.

Presenciamos nas páginas do Jornal Vanguarda uma espécie de desejo de pureza, uma busca pela higienização dos indivíduos, impor quem pode ou não frequentar as ruas. Zygmunt Bauman afirma que não é possível pensar na pureza sem que esta seja vinculada com a “ordem” e que o oposto da pureza é o que está fora de lugar: a sujeira nada mais é do que coisas fora de um contexto estabelecido previamente, cada modelo de pureza possui a sua própria sujeira que precisa ser limpa. Se seres humanos são considerados obstáculos para a organização do ambiente, eles se tornam sujeira e são tratados como tal¹⁰. E desta forma os mendigos e outros “párias” da cidade foram classificados pelos cronistas de Caruaru: pessoas fora do lugar.

5

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ALVES, Fernanda Karoline Martins Lira. Becos e Casebre na Parahyba do Norte: na mira da ordem sanitária In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (Org.). **Cidades e Experiências Modernas**. Campina Grande: EDUFPG, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

COMUNIGRAF,2009.p111-118. ALVES, Fernanda Karoline Martins Lira. Becos e Casebre na Parahyba do Norte: na mira da ordem sanitária In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (Org.). **Cidades e Experiências Modernas**. Campina Grande: EDUFPG, 2010.

⁹ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. Vivências, violências e ressentimentos: os pobres em Campina Grande (1945-1965) In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Org.). **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina:EDUFPI;Imperatriz: Ética, 2010.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FILHO, José Adilson. **A Cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belojardinense**. Recife: COMUNIGRAF, 2009. p111-118.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno, In: **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SOUSA, Fábio G. R. B. de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. Vivências, violências e ressentimentos: os pobres em Campina Grande (1945-1965) In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Org.). **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina:EDUFPI; Imperatriz: Ética, 2010.